



הסוכנות היהודית לארץ ישראל  
Agência Judaica  
www.agenciajudaica.com.br

## Cultura Israelense:

Israel é um país novo e antigo, pequeno em tamanho, mas dotado de topografia variada e com uma população heterogênea e culturalmente ativa de mais de 5,5 milhões de habitantes. É o lugar onde o Oriente se encontra com o Ocidente, e o passado e o presente se tocam; e onde os estilos de vida são moldados por ideologias. Quatro mil anos de tradição judaica, mais de um século de sionismo, a reunião dos exilados e quase cinco décadas de existência como estado moderno contribuíram para a formação de uma cultura que já criou sua própria identidade, embora preservando a singularidade das 70 comunidades que a compõem. A cultura israelense é o resultado do encontro entre o indivíduo e a sociedade, um amálgama de tradição e inovação e busca um meio-termo entre o especificamente israelense e o universal.

Sendo uma sociedade constituída sobretudo de imigrantes e de nativos de segunda geração, a expressão criativa do país absorveu inúmeras e diversas influências culturais e sociais; as tradições de cada grupo rivalizam-se umas com as outras, ao mesmo tempo que se confrontam com a história recente do país e a vida no contexto do Oriente Médio. A constante busca de uma identidade cultural se expressa através da criatividade numa ampla gama de expressões artísticas, apreciadas e usufruídas pela maioria da população em seu dia-a-dia.

Os laços culturais internacionais de Israel abrangem a cooperação em inúmeros campos, como língua, literatura, artes, ciência, mídia e esportes. Com base em acordos bilaterais com mais de 70 países, além de ligações com muitos outros, as atividades vão desde programas de intercâmbio acadêmico e de estudantes, turnês recíprocas de grupos de dança, de companhias de teatro, de músicos e orquestras, de exposições de arte, à participação em feiras de livros, festivais de cinema e competições esportivas, assim com o ensino recíproco da língua e das tradições culturais de ambos os países.

**ARIEL** Ariel é a principal revista cultural de Israel. Publicada desde 1962, dá ampla cobertura a todos os campos artísticos e literários de Israel - prosa e poesia, cinema, dança, pintura e escultura, música, arqueologia, arquitetura e crítica literária. Entre seus colaboradores encontra-se a vanguarda das artes e letras de Israel, assim como do mundo acadêmico.

Ariel aparece trimestralmente, com edições em alemão, árabe, espanhol, francês, inglês e russo. Os leitores desejosos de manter-se a par do que está ocorrendo na cena cultural de Israel encontrarão nela valiosa fonte de informação. Os interessados em ser assinantes da publicação devem dirigir-se às missões diplomáticas israelenses no exterior.

### Literatura

Israel é fonte de inspiração para os poetas e escritores do país. Sendo uma nação em desenvolvimento, forjada sobre as bases de antiga tradição, o país vive num intrincado de complexas relações sociais. As mudanças foram rápidas e intensas: o período pioneiro, a guerra da independência, a construção do estado, as guerras e a imigração em massa de vários pontos do globo.

Cada novo período, cada mudança social, traz novos desafios, criando uma dinâmica de inquietação constante. Esses componentes, isoladamente ou combinados, são farto material para a produção literária. A poesia e a prosa se nutrem de temas, imagens e de uma enorme riqueza de expressão, tanto da Bíblia quanto de outras fontes judaicas (como a Mishná, o Talmud e a Cabala) e das tradições do povo judeu na Diáspora, assim como da linguagem e ritmo quotidianos.

### O Renascimento da Língua Hebraica

O hebraico é o idioma de Israel. Embora tenha deixado de ser uma língua falada cerca de 200 E.C., ele continuou, através dos séculos, a ser usado pelos judeus como "língua sagrada", na liturgia, filosofia e literatura. No final do século XIX ele se transformou em veículo cultural moderno, tornando-se um fator vital do movimento de renascimento nacional que culminou no sionismo político. A administração do Mandato Britânico reconheceu o hebraico como idioma nacional, ao lado do inglês e do árabe, e ele se tornou o idioma das instituições judaicas e de seu sistema educacional. A imprensa e a literatura hebraicas floresceram, com novas gerações de escritores e leitores; hoje, o hebraico é uma língua viva, rica e vibrante. Seu vocabulário, que constava de cerca de 8.000 palavras nos tempos bíblicos, se



הסוכנות היהודית לארץ ישראל  
Agência Judaica  
www.agenciajudaica.com.br

expandiu para mais de 120.000. Seu desenvolvimento lingüístico e formal é orientado pela Academia da Língua Hebraica, fundada em 1953.

**Eliezer Ben-Yehuda** (1858-1922) foi o iniciador do movimento pelo renascimento da língua hebraica como idioma falado. Tendo imigrado à Terra de Israel em 1881, ele foi o pioneiro no uso do hebraico no lar e na escola, criou milhares de novas palavras, fundou dois periódicos em hebraico, foi co-fundador do Comitê da Língua Hebraica (1890) e compilou vários dos 17 volumes do Dicionário Completo do Hebraico Antigo e Moderno, iniciado em 1910 e concluído por sua segunda esposa e seu filho em 1959.

### Prosa

Os primeiros a escreverem prosa hebraica moderna na Terra de Israel foram escritores imigrantes. Embora tendo as raízes no mundo judaico da Europa Oriental e suas tradições, suas obras tratavam sobretudo das conquistas na nova terra, que tinham vindo "construir e ser por ela construídos". Yossef Chaim Brenner (1881-1921) e Shmuel Yossef Agnon (1889-1970), que deram impulso à prosa hebraica no início do século XX, são considerados por muitos os pais da literatura hebraica moderna, embora não tenham atuado sozinhos nem fora do seu contexto histórico.

Brenner, dividido entre a esperança e o desespero, lutava com suas próprias dúvidas no tocante às dificuldades do empreendimento sionista na Terra de Israel e o baixo nível espiritual de certos setores do Yishuv (nome dado à comunidade judaica da Palestina - a Terra de Israel - antes do estabelecimento do estado). Ele via defeitos em tudo e temia o futuro desenvolvimento das relações entre as populações árabe e judaica. Em seu intento de captar a realidade, ele preferia as formas rabínicas e medievais do hebraico, criando novas expressões e empregando uma sintaxe audaz para produzir o efeito do discurso vivo. Um dos elementos centrais da obra de Brenner é sua identificação tanto com o esforço físico dos pioneiros numa terra árida e áspera, tão diferente dos países europeus onde tinham nascido, como com a outra luta, não menos difícil, a de forjar uma identidade judaica na Terra de Israel.

Agnon preferiu usar em sua obra formas hebraicas mais modernas. Sua familiaridade com a tradição judaica, somada à influência da literatura europeia do século XIX e início do século XX, foi a base para a criação de um mundo de ficção que trata dos principais temas espirituais contemporâneos: a desintegração dos modos de vida tradicionais, a perda da fé e a subsequente perda de identidade. Sendo judeu ortodoxo e escritor dotado de profunda intuição e acuidade psicológica, Agnon revela afinidade com os lados sombrios e irracionais da psique humana, podendo se identificar com as incertezas íntimas dos judeus, tanto crentes como não-crentes. A realidade, tal como Agnon a descreve, transcorre num ambiente trágico, às vezes grotesco; sua obra é amplamente influenciada pela guerra e pelo Holocausto, e o mundo dos judeus religiosos se revela em todas as suas paixões e tensões. Em 1966, Agnon foi laureado, juntamente com Nelly Sachs, com o Prêmio Nobel de Literatura, o primeiro conferido a um escritor israelense.

Os primeiros escritores nascidos no país começaram a publicar nos anos 40 e 50; são conhecidos como "a geração da Guerra da Independência". Seus trabalhos refletem uma nova mentalidade e experiência cultural, diferentes das de seus predecessores, sobretudo porque o hebraico era sua língua materna e toda sua experiência de vida estava enraizada na Terra de Israel. Escritores como S. Yizhar, Moshe Shamir, Chanoch Bartov, Chaim Guri e Biniamin Tammuz vacilam dramaticamente entre o individualismo e o comprometimento para com a sociedade e o estado, oferecendo um modelo de realismo social, muitas vezes heróico, marcado por uma fusão de influências locais e internacionais.

No início da década de 60, um grupo de jovens e influentes escritores, como A.B. Yehoshua, Amos Oz, Yoram Kaniuk e Yaakov Shabtai, passaram a explorar novas abordagens da prosa hebraica, rompendo com os padrões ideológicos e focalizando o mundo individual. Durante as duas décadas seguintes, manifestaram-se novas tendências, tais como a experimentação de formas narrativas e de vários estilos de prosa, inclusive o realismo psicológico, a alegoria e o simbolismo, assim como especulação e ceticismo a respeito das convenções políticas e sociais.

Desde o início da década de 80, e durante os anos 90, observa-se uma intensa atividade literária, e o número de livros publicados aumentou de forma notável. Vários autores israelenses, como Oz, Yehoshua, Kaniuk, Aharon Appelfeld, David Shahar, David Grossman e Meir Shalev, granjearam fama internacional. A crença de que a literatura capacita os leitores a uma melhor compreensão de si mesmos, individualmente ou como parte do meio ambiente, caracteriza a prosa deste período, escrita por três gerações de escritores.

As constantes e renovadas tentativas de abordagem da tragédia do Holocausto europeu resultaram na elaboração de novos modos de expressão, para tratar de questões fundamentais que só podem ser discutidas dentro da perspectiva do tempo e do espaço, integrando distanciamento e envolvimento (Appelfeld, Grossman, Yehoshua Kenaz, Alexander e Yonat Sened, Nava Semel e outros).



Alguns temas até então inéditos têm sido abordados, tais como o ambiente da aldeia árabe (Anton Shammas, escritor árabe-cristão), o mundo dos judeus ultra-ortodoxos que se mantêm deliberadamente segregados da sociedade moderna (Yossl Birstein), o modo de vida nas comunidades chassídicas de Jerusalém (Chaim Beer) e as tentativas de abordagem da existência do indivíduo sem fé numa época em que as ideologias seculares entraram em colapso e o fundamentalismo religioso vai ganhando cada vez mais força (Yitzhak Auerbach-Orpaz). Outro tema importante, abordado sobretudo por escritores de origem sefardita (como Sami Michael, Albert Suissa, Dan Banaya-Seri) é o lugar ocupado na sociedade israelense por imigrantes que se sentem alienados, provenientes de países árabes. Outros autores exploram temas universais, como a democracia e a justiça, vistas no contexto de uma sociedade que está constantemente enfrentando desafios em quase todas as áreas da vida nacional (Yitzhak Ben Ner, Kaniuk, Grossman, Oz).

### Poesia

A poesia hebraica vem sendo escrita, virtualmente sem interrupção, desde os tempos bíblicos, incorporando influências externas e tradições internas. A poesia do passado, que inclui temas religiosos e nacionais, exprime também motivos da experiência pessoal, os quais são predominantes na poesia contemporânea. A ruptura com a expressão poética tradicional ocorreu durante o período do iluminismo judaico na Europa (1781-1881), quando os judeus passaram a reivindicar plena cidadania e a secularização da vida judaica; e prosseguiu no final do século XIX, quando o sionismo, movimento pela restauração da vida nacional judaica na Terra de Israel, começou a ganhar importância. Os principais poetas deste período foram Chaim Nachman Bialik (1873-1934) e Saul Tchernichovsky (1875-1943); ambos emigraram à Palestina no início do século XX.

A obra de Bialik, que reflete seu comprometimento à idéia do renascimento nacional e rejeita a viabilidade da vida judaica na Europa Oriental, inclui longos poemas épicos sobre acontecimentos da história judaica, mas também poesia lírica cujos temas são o amor e a natureza. Bialik, alcunhado "o poeta nacional" ou "o poeta do renascimento hebraico", forjou uma nova linguagem poética, libertando-se da excessiva influência bíblica de seus predecessores, mas mantendo a estrutura clássica e a clareza de expressão em seus versos ricos e eruditos. Seus poemas são memorizados por gerações inteiras de alunos israelenses.

A poesia de Tchernichovsky abrange tanto poemas líricos quanto épicos, baladas e alegorias. Ele buscava retificar o mundo judaico, inculcando um espírito de orgulho e dignidade pessoais, assim como uma conscientização mais profunda da natureza e da beleza. Sua linguagem demonstra afinidade com o hebraico rabínico, e é diferente do vocabulário de Bialik que integra a influência bíblica com a linguagem coloquial em formação. Bialik e Tchernichovsky representam a transição do antigo para o moderno na poesia hebraica.

Avraham Shlonsky, Natan Alterman, Lea Goldberg e Uri Zvi Greenberg são os principais representantes da segunda geração de poetas, e a dos anos anteriores ao estabelecimento do estado e imediatamente depois.

Shlonsky utilizava torrentes de imagens e invenções lingüísticas, tanto em suas obras poéticas como em suas prolíficas traduções dos clássicos da poesia, sobretudo russa. Os trabalhos de Alterman, muitos dos quais se destacam por seu caráter político, acompanham todos os estágios do desenvolvimento da comunidade judaica e se caracterizam pela riqueza de linguagem e variedade de formas, tonalidade e ritmo das imagens e metáforas. Goldberg ampliou o espectro do lirismo em poemas que falam da cidade, da natureza e do ser humano em busca de amor, contato e atenção. Greenberg, em sua poesia cheia de desespero e ira, usava imagens violentas e estilo poderoso, abordando sobretudo temas nacionalistas e o impacto do Holocausto. Este grupo de poetas foi o primeiro a introduzir o ritmo do hebraico coloquial cotidiano na poesia. Eles fizeram renascer velhas expressões e cunharam outras novas, dando ao idioma milenário uma nova flexibilidade e riqueza.

A poesia deste período, fortemente influenciada pelo futurismo e simbolismo russos, assim como pelo expressionismo alemão, tendia para uma estrutura e melodia clássicas, com rimas ordenadas. Refletia imagens e paisagens do país onde o poeta nascera e visões mais recentes da nova pátria, em tom heróico; memórias de "lá" e o desejo de aprofundar raízes "aqui", que exprimiam, conforme escreveu Lea Goldberg, "a dor de duas pátrias". Muitos destes poemas deram origem a canções e tornaram-se parte integrante do novo folclore nacional.

A primeira poetisa importante em hebraico foi Rachel Bluwstein (1890-1931), conhecida simplesmente como "Rachel". Sua obra estabeleceu as bases normativas da poesia hebraica feminina, assim como as expectativas do público em relação a ela. Suas frases curtas, de um lirismo emocional, sua falta de pretensão intelectual e seu estilo pessoal predominam, como se constata na maior parte dos trabalhos de suas contemporâneas e de poetisas posteriores, como Dalia Ravikovitch e Maya Bejerano.

Em meados dos anos 50, emergiu um novo grupo de jovens poetas, cuja língua materna já era o hebraico; entre eles destacam-se Yehuda Amichai, Natan Zach, Dan Pagis, T. Carmi e David Avidan. Suas obras tendem a uma certa moderação, retraindo-se de modo geral das experiências coletivas,



הסוכנות היהודית לארץ ישראל  
Agência Judaica  
www.agenciajudaica.com.br

observando livremente a realidade e usando estilo coloquial. Além disso, estes autores substituíram as influências poéticas de Pushkin e Schiller pelos autores ingleses e norte-americanos modernos. Os trabalhos de Amichai, muitos dos quais traduzidos para outras línguas, caracterizam-se pelo uso da linguagem do dia-a-dia, a ironia e metáforas metafísicas; estas se tornaram os rasgos característicos de boa parte da poesia escrita por seus contemporâneos mais jovens, os quais proclamaram o fim da poesia ideológica, rompendo completamente com a tradição de Alterman e Shlonsky, de estruturas clássicas e métrica ordenada. A obra de Zach extrai novas qualidades musicais, quase litúrgicas, do hebraico falado todos os dias.

O campo da poesia hebraica contemporânea é uma polifonia reunindo várias gerações, poetas na faixa dos vinte anos com outros de idade madura. Entre os representantes deste último grupo encontra-se Meir Wieselthier, cujo estilo prosaico e direto, que utiliza gíria, repudia todo romantismo e eleva a imagem de Tel Aviv a um símbolo da realidade; Yair Horowitz, cujos versos contritos expressam a suave tristeza do homem consciente da própria mortalidade; e Iona Wallach, que se apresenta em termos sarcásticos e coloquiais, usando motivos arquétipos, simbolismo freudiano, às vezes de brutal sensualidade, repetições rítmicas e longas cadeias de associações. Asher Reich, Arie Sivan, Ronny Somak e Moshe Dor são outros nomes importantes da poesia contemporânea.

A poesia da geração mais jovem é dominada pelo individualismo e a perpleidades, preferindo poemas curtos num estilo familiar, em ritmo livre e sem rimas. A poesia israelense tem um grande público de leitores fiéis, e algumas edições de poemas, de todos os períodos, atingem tiragens semelhantes às de países ocidentais muito mais populosos.

**O Instituto para a Tradução da Literatura Hebraica** foi criado em 1962 para familiarizar leitores e editores estrangeiros com a produção hebraica contemporânea. Centenas de obras de ficção, poesia, drama e literatura infantil já foram publicadas sob os auspícios do Instituto, em cerca de 40 línguas - desde o alemão e o galês até hindi e chinês. As atividades do Instituto incluem a publicação de antologias, a organização de conferências de tradutores e a participação em feiras internacionais de livros. Os dados computadorizados do Instituto e as bibliografias anuais de literatura hebraica traduzida são uma fonte de informação para pesquisadores de todo o mundo. Outra atividade do Instituto é a publicação semestral em inglês da revista *Literatura Hebraica Moderna*.

## Belas Artes

Desde o início do século XX, as belas-artes israelenses demonstram uma orientação criativa, influenciada pelo encontro entre o oriente e o ocidente, assim como pela própria terra e seu desenvolvimento, o caráter de suas cidades e as tendências estilísticas oriundas dos centros artísticos no estrangeiro. A paisagem diversificada do país é a principal protagonista nos trabalhos de pintura, escultura, fotografia. Os terraços nas colinas e os picos das montanhas oferecem uma dinâmica especial de linhas e formas; os contrafortes do Neguev, a vegetação cinza esverdeada, e a forte luminosidade dão origem a efeitos coloridos especiais; a areia e o mar criam novas superfícies. De modo geral, a paisagem local, as preocupações imediatas e a política do país, assim como a própria natureza do existencialismo israelense, constituem o núcleo da arte israelense e garantem sua singularidade.

A atividade artística organizada do país iniciou-se em 1906, quando o Professor Boris Schatz (1867-1932) chegou da Bulgária e fundou a [Academia de Artes e Artesanato Bezalel](#) em Jerusalém, de acordo com um projeto aprovado pelo Congresso Sionista de 1905: estimular jovens judeus talentosos a vir estudar arte na Terra de Israel. Em 1910, a escola contava com 32 diferentes departamentos, 500 estudantes e um mercado ávido por suas obras em todo o mundo judaico.

Além dos pintores e escultores, a vida artística do país conta com um contingente de talentosos artesãos (ceramistas, ourives em ouro e prata, calígrafos, tecelões, vidreiros, etc.), muitos dos quais se especializam em modernas versões de objetos cerimoniais judaicos tradicionais.

A arte é apreciada por gente de todas as camadas sociais; os israelenses apoiam e o estimulam as atividades artísticas comparecendo às exposições - desde retrospectivas individuais a exposições coletivas, tanto nos museus quanto em galerias particulares - visitando os bairros de artistas em Safed e lafo ou a aldeia de artistas de [Ein Hod](#) e adquirindo os trabalhos dos artistas locais.

## PINTURA

No início, a orientação artística de Bezalel, que pretendia criar "uma arte original judaica" fundindo técnicas européias com a influência do Oriente Médio, resultou em pinturas de cenas bíblicas que retratavam concepções romantizadas do passado junto com uma visão utópica do futuro. As imagens



הסוכנות היהודית לארץ ישראל  
Agência Judaica  
www.agenciajudaica.com.br

eram inspiradas nas antigas comunidades judaicas orientais bem como nos beduínos locais. Entre os artistas deste período podemos citar Shmuel Hirszenberg (1865-1908), Ephraim Lilien (1874-1925) e Abel Pann (1883-1963).

A primeira grande mostra, em 1921, na Cidadela de David, na cidade velha de Jerusalém, foi dominada pelos pintores de Bezalel. Pouco mais tarde, o anacrônico estilo narrativo de Bezalel, nacionalista-oriental, era desafiado tanto por jovens rebeldes dentro da própria instituição quanto por artistas recém-chegados, que passaram a procurar uma linguagem artística para o que eles denominavam arte "hebréia", em oposição à arte "judaica". Tentando definir sua nova identidade cultural e expressar sua visão do país como fonte de renovação nacional, eles retratavam a realidade cotidiana do ambiente do Oriente Próximo, dando ênfase à luminosidade e às cores brilhantes da paisagem, salientando os temas exóticos, como o estilo de vida simples dos árabes, sobretudo por meio de técnicas primitivas, como se pode observar nos trabalhos de Israel Paldi, Tziona Tagger, Pinchas Litvinovsky, Nachum Gutman e Reuven Rubin. Em meados da década de 1920, a maioria dos artistas de vanguarda tinha-se estabelecido em Tel Aviv, cidade nova e dinâmica (fundada em 1909), que desde então se tornou o centro da vida artística do país.

A arte da década de 30 foi fortemente influenciada pelas novidades ocidentais do início do século XX, das quais a mais importante foi o expressionismo vindo dos ateliês de Paris. Os trabalhos de pintores como Moshe Castel, Menachem Shemi e Arie Aroch retratavam, através de imagens distorcidas, uma realidade carregada de emoção, às vezes até de misticismo. Embora os temas ainda sejam as imagens e paisagens locais, os componentes narrativos de dez anos antes desaparecem gradualmente e o mundo oriental-muçulmano evapora-se inteiramente. O expressionismo alemão surge em meados da década, com a chegada de artistas imigrantes fugitivos do terror nazista, como Hermann Struck, Mordechai Ardon e Jakob Steinhardt, os quais se juntam a seus conterrâneos Anna Ticho e Leopold Krakauer, que haviam chegado a Jerusalém uns vinte anos antes. Este grupo se dedica a interpretações subjetivas das paisagens de Jerusalém e das colinas que a cercam, tendo contribuído significativamente ao desenvolvimento da arte local, principalmente quando a liderança da Academia Bezalel é entregue a Ardon e Steinhardt, sob cuja orientação toda uma geração de artistas atingiu a maturidade.

O rompimento com Paris durante a 2ª Guerra Mundial e o trauma do Holocausto levaram vários artistas, entre os quais Moshe Castel, Yitzhak Danziger e Aharon Kahana a adotar a emergente ideologia "canaanita", que buscava se identificar com os habitantes originais da terra e criar "um novo povo hebreu", revivendo antigos mitos e ritos pagãos. A Guerra da Independência em 1948 levou outros artistas, como Naftali Bezem e Avraham Ofek a adotar um estilo militante, dotado de clara mensagem social. Mas o grupo mais importante que se formou neste período é o chamado "Novos Horizontes", que pretendia liberar a pintura israelense de seu caráter local e das influências literárias e trazê-la à esfera da arte europeia contemporânea.

Desenvolveram-se duas tendências principais: Yossef Zaritsky, a figura dominante do grupo, procurava uma atmosfera lírica, caracterizada pela presença de fragmentos identificáveis da paisagem local e tonalidades e cores frias. Seu estilo foi adotado por outros, sobretudo Avigdor Stematsky e Yehezkel Streichman. A segunda tendência, de um abstracionismo estilizado que vai do geometrismo a um formalismo frequentemente baseado em símbolos, é marcante nos trabalhos de Marcel Janco, romeno de nascimento que estudou em Paris, e foi um dos fundadores do dadaísmo. O grupo Novos Horizontes, além de ter legitimizado a arte abstrata em Israel, foi também uma força dominante no seu panorama artístico até o início dos anos 60.

Os artistas da década de 60 vêm a ser o elo de ligação entre as atividades do grupo Novos Horizontes e a busca da individualidade da década posterior. Streichman e Stematsky, ambos professores no Instituto Avni de Tel Aviv, influenciam fortemente uma segunda geração de artistas, entre os quais Raffi Lavi, Aviva Uri, Uri Lifschitz e Lea Nikel, que, em sua busca de uma imagem pessoal, contestam o uso refinado do abstracionismo lírico, preferindo trabalhos pluralistas, englobando vários estilos expressivos e abstrato-figurativos, inspirados em fontes estrangeiras.

Na Academia Bezalel, a influência de Ardon, sobretudo no que diz respeito à temática e às técnicas, é bastante nítida nos trabalhos de Avigdor Arikha, que desenvolve um mundo de formas plenas de intenso significado espiritual; e nas pinturas surrealistas de Yossli Bergner e Samuel Bak, que retornam a temas figurativos que evocam o Holocausto e aos motivos tradicionais judaicos. Jacob Agam é pioneiro em arte ótica e cinética, e sua obra é exposta em vários países.

Enquanto o minimalismo que caracterizou as artes nos anos 70 inclui quase sempre formas transparentes, amorfas, reminiscência da pintura abstrata local, é a exposição de idéias, e não a estética, que domina os trabalhos de artistas como Larry Abramson e Moshe Guershuni.

Os artistas dos anos 80 e 90, que trabalham numa atmosfera de experimentação individual, parecem estar em busca de conteúdo e do sentido espiritual de Israel, através da integração de uma ampla gama de materiais e técnicas, assim como de imagens baseadas em elementos locais e universais, que vão



desde as letras do alfabeto hebraico até as emoções humanas de tensão e medo. As tendências atuais, conforme se constata nos trabalhos de Pinchas Cohen-Gan, Deganit Beresht, Gabi Klasmer, Tsibi Gueva, Tzvi Goldstein, David Reeb e outros, prosseguem o esforço de ampliar a definição da arte israelense além dos conceitos e materiais tradicionais, tanto como expressão da cultura local quanto como componente dinâmico da arte ocidental contemporânea.

## FOTOGRAFIA

A Fotografia em Israel, caracterizada pela intimidade, contenção e preocupação com o ego é, ao mesmo tempo, uma reação e uma decorrência do estilo romântico e informativo que predominava nas suas primeiras etapas. Nos meados do século XIX, a fotografia local consistia basicamente em prover serviços fotográficos, retratando os lugares santos (sobretudo cristãos) para vendê-los como lembranças a peregrinos e turistas.

A partir de 1880, os fotógrafos começaram a documentar a evolução da comunidade judaica na Palestina (Terra de Israel), retratando os pioneiros lavrando o solo, construindo cidades e povoados, através de lentes heróicas e orientados por uma ideologia moderna e secular; eles também atendiam às exigências dos clientes, que usavam as fotografias para apoiar projetos definidos, como os do Fundo Nacional Judaico.

O desenvolvimento do país em seus primeiros anos foi fielmente documentado por vários talentosos fotôgrafos, alguns dos quais trabalham até hoje, como Tim Gidal, David Rubinger, Werner Braun, Boris Carmi, Zev Radovan, David Harris e Micha Bar Am. Entre os que atravessaram as fronteiras invisíveis entre a "fotografia de documentação" e a "arte fotográfica" encontram-se Aliza Auerbach, que se dedica a retratos de pessoas; Neil Folberg, Doron Horwitz e Shai Ginott que focalizam a natureza; David Darom, especialista em fotografia submarina; e Dubi Tal e Mony Haramati, especializados em fotografia aérea.

Nos últimos anos, à proporção que a fotografia como pura expressão artística se tornou uma forma legítima de arte, vem surgindo um grande número de fotógrafos criativos, com o apoio ativo de galerias, conservadores de museus e colecionadores. A arte fotográfica atual é muito pessoal, defrontando-se com questões tais como a vida e a morte, arte e ilusão, em estilos que vão desde o formalista e minimalista até o pictórico e intelectual-conceptual. Surgiram vários locais importantes de exposição dos trabalhos fotográficos, como a bienal de fotografia no Mishkan Laomanut, no Kibutz Ein Harod e o novo Museu da Fotografia em Tel Hai, no norte da Galiléia.

## ESCULTURA

A arte da escultura floresceu no país graças aos esforços persistentes de alguns escultores. Enquanto Avraham Melnikoff, conhecido por seu massivo leão de pedra em Tel Hai, e Zeev Ben-Zvi introduziam o cubismo, a escola mais acadêmica, representada por Moshe Ziffer, Aharon Priver e Batia Lishansky, era predominante na época anterior ao estabelecimento do estado.

No final dos anos 40, a ideologia "canaanita" influenciou alguns artistas, sobretudo Yitzhak Danziger, cuja figura do herói-caçador pagão Nimrod, esculpida em arenito vermelho da Núbia, é uma tentativa de criar uma síntese entre a escultura do Oriente Médio e o conceito moderno do corpo humano, enquanto as suas esculturas de carneiros lembram as formas das rochas do deserto, de canais d'água e tendas beduínas. A escultura dos anos 50 empregava novos materiais e escala monumental, tornando-se cada vez mais abstrata, estimulada em parte pela recente introdução do ferro e do aço inoxidável como meio de expressão.

O desejo de perpetuar a memória dos que tomaram nas guerras de Israel deu um novo ímpeto à escultura a partir da década de 60, e muitos monumentos, sobretudo não-figurativos, foram introduzidos na paisagem israelense. Este gênero é representado pelo monumento de aço de Yechiel Shemi, em Achziv, em homenagem à Marinha, que revela a aspereza da natureza e da capacidade de violência e destruição do homem, e pelo "Monumento à Brigada do Neguev" de Dani Karavan, nas proximidades de Beer Sheva, que evoca o caráter específico dos combates no deserto.

Sob a influência da escola francesa em geral e do expressionismo em particular, os artistas conceptuais contemporâneos vêm criando instalações e esculturas ambientais, usando os mais variados materiais, exprimindo suas reações individuais às realidades políticas e sociais. Os trabalhos de Yigal Tumarkin, que incorporam um forte jogo de formas e símbolos, expressam seu protesto contra a guerra através de formas geométricas e figurativas abstratas. A tendência a um minimalismo geométrico é especialmente



הסוכנות היהודית לארץ ישראל  
Agência Judaica  
[www.agenciajudaica.com.br](http://www.agenciajudaica.com.br)

---

pronunciada no uso persistente que Menashe Kadishman faz de figuras de carneiros, que tanto evocam uma imagem pastoral local como simbolizam, num mito pessoal, a vítima indefesa.

Vários escultores israelenses receberam consagração internacional, entre os quais Tumarkin, Karavan, Kosso Elul e Israel Hadany, cujos trabalhos podem ser admirados em locais públicos e privados no exterior.